

Resenha

Viagens, múltiplos olhares e perspectivas em *Diário do Xingu*

Travels, multiple views and perspectives in Diário do Xingu

RIBEIRO, Berta Gleizer (1979). *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

Diário do Xingu, de Berta Gleizer Ribeiro, publicado em 1979, constitui uma referência fundamental para os leitores do passado e do presente. No livro, há o registro de uma variedade de aspectos relativos à vida indígena, no Parque do Xingu, incluindo a “arte do trançado de diversas tribos” (cultura material) que não se desvincula da história das culturas. Para se compreender a complexidade da obra e respectivo caráter transdisciplinar, é oportuno lembrar o prefácio escrito pela autora que coordenou o volume I de Etnobiologia (*Suma Etnológica*).

Explicitando sua “audácia de aceitar a coordenação de um livro sobre etnobiologia”, mencionou seu estudo sobre o artesanato indígena, a partir do qual pôde “verificar como os índios descobriram as virtudes e as potencialidades da flora que os rodeia, retirando da matéria bruta a matéria-prima e transformando-a em bens culturais”. (Ribeiro, 1986, p. 13). Além disso, ao trabalhar, “num Museu de história natural — Museu Nacional — sempre cont[ou] com a ajuda dos colegas biólogos para dirimir dúvidas ou a identificação de espécies zoológicas ou botânicas” (Ribeiro, 1986, p. 13). Esse vínculo entre o *Diário* e outras áreas de conhecimento perpassa seu texto. No sentido da cooperação entre os pesquisadores, parece-me oportuno assinalar a presença de outros colegas da antropóloga, do Museu Nacional, conforme registro a ser evidenciado, mais adiante.

O livro traz uma “Apresentação”, uma “Introdução”, “Notas de Campo” e um “Apêndice”, relativo aos mitos *Kayabí*. Em sua parte final, estão a bibliografia citada, as legendas das fotografias, o índice e o glossário. No âmbito narrativo, o diário tem como especificidades: a fragmentação; a configuração do destinatário; a propensão ao autobiográfico, como se lê em Reis e Lopes (2002), *Dicionário de narratologia*. Esses aspectos estendem-se ao texto da antropóloga, escrito com base na pesquisa de campo que realizou em agosto de 1977. Além de se fundamentar em uma ampla bibliografia, mostra o cotidiano indígena por meio de “pequenos flashes” de que é testemunha e também participante.

Na “Introdução”, estão explicitadas referências relativas à aprovação do projeto pelo vice-presidente brasileiro João Fernandes Café Filho (1952) para criar o Parque Indígena do Xingu e à expedição Roncador-Xingu, chefiada pelos irmãos Vilas Boas (Orlando, Cláudio e Leonardo). É destacada, também, a relevância de outros “etnólogos que estudaram a região dos formadores do rio Xingu, a partir da viagem de Stein em 1884” (Ribeiro, 1979, p. 19). As singularidades da história e da cultura de variadas origens dos povos que integram o Parque apontam para uma realidade complexa que abarca variantes culturais, étnicas, linguísticas e adaptativas, além das ações externas que contribuíram para “uma depopulação e uma desorganização social” (Ribeiro, 1979, p. 34).

Berta viajou “num bandeirante da FUNAI”¹, de Brasília para o Xingu, em 8 de agosto de 1977. No mesmo avião, estavam antropólogos estrangeiros como os belgas Etienne e sua mulher Godelive; funcionários do Departamento Geral do Patrimônio Indígena; Sidney Possuelo, chefe do Parque Indígena do Araguaia, e Bisaká, jurúna que acompanhava o caixão de sua mulher. Durante o percurso, ocorreram pousos em diferentes locais. Em Santa Isabel dos Morros, houve o desembarque de Sidney e o embarque de Patrick Menget, antropólogo francês, estudioso dos Txikão. Na chegada ao Posto Indígena Diaurum, os “índios Jurúna invadiram o avião” e choraram pela morte da mulher de Bisaká. O mesmo avião retornaria do Xingu, com Eduardo, Melo e Vanessa, do Museu Nacional. Os viajantes, que se deslocam, apontam para uma mobilidade interna e externa que propicia diferentes olhares sobre as culturas e etnias reunidas no Parque.

No Posto Leonardo, onde, inicialmente, se fixou, a antropóloga foi recebida por Olímpio Trindade, diretor do Parque, e por sua esposa Zélia. Na aldeia Kamaiurá, para

¹ Desde 2023 chamada Fundação Nacional dos Povos Indígenas, conforme Lei 14.600, de 19 de junho de 2023 (Brasil, 2023). A forma com todas as letras da sigla em caixa alta é a adotada no original do trecho citado.

onde também Etienne e Godelive se dirigiram, Berta se apresentou ao capitão Takumã. Ao lhe explicar o objetivo de sua pesquisa, lhe disse: “estudar a cestaria dos índios xinguanos e também das tribos que entraram mais recentemente na área: principalmente os Kayabí e Txicão, ver como são feitos, de que material, como são usados e a significação dos desenhos” (Ribeiro, 1979, p. 42).

Berta, tendo conhecido Mapukaya (indicado por Orlando Vilas Boas como o “melhor cesteiro” da tribo), entre os Yawalapiti, cuja aldeia ficava próxima ao Posto Leonardo, pôde acompanhar o trabalho do artesão desde a coleta do buriti até o andamento da confecção do *Mayaku* (“cesto cargueiro em forma de gamela”), que foi iniciada por Uaripirá, seu filho. A antropóloga, ainda, com Makupaya, participou da busca de plantas tintórias.

A descrição detalhada da tessitura do *Mayaku* complementa-se com figuras ilustrativas, presentes no texto e, ainda, com remissão a fotos, cujos números são registrados na margem direita do livro. O cotidiano vivenciado por Berta entre os Yawalapiti se reporta às atividades coletivas de que participa, como o banho no rio e a ida à roça junto com as mulheres indígenas. Berta, ao captar a vida em movimento, levanta questões sobre a “oposição entre os sexos” que se relaciona com aquela existente “entre as classes na nossa sociedade” (Ribeiro, 1979, p. 61).

Os diálogos entre Berta e os indígenas são importantes para a elaboração de seus comentários, que, por sua vez, estão associados a uma bibliografia remissiva aos assuntos abordados. Em relação aos povos Yawalapiti, Berta oferece aos leitores as genealogias da casa de Sariruí e da casa de Kanatu que fazem parte da história e da identidade dos Yawalapiti. Em seu estudo, dedicado ao “parto do Mayaku”, a antropóloga assinalou mudanças nas culturas indígenas em contato com os civilizados (referência ao mundo ocidental²). Nesse sentido, ressalte-se que a obtenção dos objetos artesanais, produzidos

² Na leitura do *Diário*, verifica-se que a palavra civilizado(a), seja como substantivo ou adjetivo, está presente em diversos trechos do livro. O civilizado, no caso em destaque, remete à noção de “ocidentalizado”, pertencente ao Ocidente. Roberto Fernández Retamar (1979) discute o significado de Ocidente. Parte de Hegel para discutir o termo. Vale-se, também, do pensamento de Leopoldo Zea. Para o filósofo mexicano, o “mundo ocidental ou Ocidente [é] o conjunto de povos que, na Europa e na América, concretamente os Estados Unidos da América do Norte, realizaram os ideais culturais da Modernidade que se fizeram presentes a partir do século XVI” (Zea, 1955, p. 8, apud Retamar, 1979, p. 126). O caráter ideológico do capitalismo, associado ao Ocidente, é evidenciado em autores como Aimé Césaire, Franz Fanon e José Martí. No texto de Berta, o sentido de civilizado (ocidentalizado) também se insere no contexto econômico do capitalismo. Para a elucidação dos conceitos sobre ocidentalismo e pós-Ocidentalismo, veja-se Coelho (2016). Em *Diário do Xingu*, é possível encontrar o termo civilizado (relacionado à civilização) de forma irônica como em “Comentei isso com Vanessa em nossa longa viagem de volta à ‘civilização’” (Ribeiro, 1979, p. 185).

para exposição, em museu, se deu com base na troca de bens de consumo dos *caraibas*, o que interferiu no sistema cultural e econômico dos indígenas e nas necessidades criadas a partir da troca.

No *Diário*, são narradas outras viagens, como aquela que a autora realizou para se ocupar da cestaria dos Kayabí. Para isso, seguiu de balsa, pelo rio Culuene, pilotada por Mairawé, *kayabí* e funcionário da FUNAI, no Parque. Nessa travessia, com outros indígenas, o barco fez várias paradas. Depois do posto Leonardo, na terceira aldeia, ocorreu o encontro entre Berta e Ipepurí, que lhe ofereceu um *urupem* (“peneira em forma de meia calota de crivo fino para guardar ou coar”) e lhe recomendou Maiopã “como o melhor cesteiro Kayabí” (Ribeiro, 1979, p. 100). Nesse mesmo local, interagiu com outros indígenas como Iaikatú que lhe “entrega um anelzinho de tukum” (Ribeiro, 1979, p. 101) e conversa com ela; foi para a casa de Tixikito, onde jantou e pôde atentar para aspectos sobre a construção edificada. Verificou, também:

[c]omo na maloca de Ipepurí todos os índios, suas mulheres e filhos estavam vestidos como civilizados e tinha suas lanternas, lamparinas de querosene, panelas e bacias de alumínio, redes cearenses e mosquiteiros de algodãozinho. Nisso e no tipo físico, com exceção talvez do cabelo mais liso e olhos oblíquos, pouco se distinguiriam dos caboclos matogrossenses. Mas falavam todos kayabí, se diziam, e se sabiam kayaabí. Nisso está a grande diferença. Nesta casa, como nas anteriores, vi panelas jurúna e ubás do tipo monóxilo, que esses índios introduziram no Xingu (Ribeiro, 1979, p. 101).

Outra parada aconteceu na maloca de Matsiá (tio de Cirilo e sogro de Piauí), cuja família iria continuar a viagem. Depois disso, o barco prosseguiu até à casa de Sabino, que tinha o papel de “cuidar dos Kreen-akore, pacificados e transferidos para dentro do Parque, em 1972” (Ribeiro, 1979, p. 106). Sabino “forma[va] com Ipepurí, Kupê, Maiopã e Urumuk o grupo mais velho que ingressou no Parque em 1966” (Ribeiro, 1979, p. 100).

No posto indígena Diauarum, Berta entrou em contato com Txiviravé, filho de Maiopã, que a conduziu até ao pai. Entre os Kayabí, a autora do *Diário* participou de caminhada na mata, para a abertura de uma “roça nova” e, a partir do que viu e estudou, estabeleceu confrontos entre a horticultura e a alimentação *kayabí* e outras do alto Xingu, o que suscitou a afirmativa: “A horticultura kayabí é incomparavelmente mais rica que a das tribos do Alto Xingu” (Ribeiro, 1979, p. 17).

Nesse contexto, baseando-se em estudo de Eduardo Galvão, mostrou que “o

consumo do milho, não apenas como legume, isto é, verde, mas como cereal, pilado, e também amendoim” (Ribeiro, 1979, p. 117), é encontrado entre os Tapirapé, Kayabí e Paresi. No âmbito da alimentação, citem-se, ainda, como exemplos, a explicitação do preparo do *kanapé* (pão dos Kayabí) e daquele do mingau de mandioca doce. Observe-se que Mairán, filho de Kupé e Kupë-ë, de 15 anos, citou para Berta “os nomes das plantas cultivadas, das plantas úteis nativas, e dos animais comestíveis que contribuem para o modo de subsistência dos Kayabí no Xingu” (Ribeiro, 1979, p. 118).

Em 18 de agosto de 1977, começou o trançado *do urupem* por Mairopân. Em relação a essa atividade artesanal, são mencionadas a “esquematisação de padrões de desenho do trançado Kayabí” (Ribeiro, 1979, p. 134) e a caminhada na mata, com Txivaré e outros indígenas, para ver a retirada da tinta de um jequitibá. No relato do percurso, são destacados a “vista arguta” e o “ouvido aguçado” (Ribeiro, 1979, p. 142), necessários para a sobrevivência na floresta. Além de trazer informações sobre o trançado e a culinária kayabí, Berta anota laços de parentesco das famílias de Mairopân; de Tamaka-ë; de Mairopân e Tamaka-ë, e de Kupé e Uararú. A identificação das genealogias reporta-se ao pertencimento e à identidade cultural.

Em decorrência da entrevista concedida a Berta por Txivaré, temos os textos: “A origem da tribo Kayabí”; “A origem da comida entre os Kayabí”; “História de Anhangá” e “De como Mairamunhangá ‘quebrou’ a escuridão”. Txivaré, por sua vez, narra “Como os Kayabí receberam o fogo”. Para finalizar essa parte do livro (que consta no “Apêndice”), é publicada uma entrevista (“História da lua”) de Txivaré para Berta e Vanessa, antropóloga de origem inglesa que trabalhava no Museu Nacional.

Ao longo do *Diário*, Berta — apesar de participar de tarefas coletivas, acompanhar o trançado das peças artesanais trabalhadas pelos povos que visitava, não ter visões estereotipadas sobre os indígenas e se entregar amorosamente à tarefa de pesquisadora, no entrecruzamento entre olhares e perspectivas, representativos de duas culturas diferentes — evidenciou, com argúcia, que Mairapân, apesar dos gestos cordiais, ao lhe pedir miçangas e chumbos, depois do *urupem* concluído, colocou-a no “[seu] devido lugar de caraíba que tinha que pagar os favores recebidos” (Ribeiro, 1979, p. 160).

A antropóloga fez o caminho de volta e, no Posto Indígena Diauaram, ela e Vanessa tiveram uma conversa com Mairawé sobre a questão indígena e o processo de aculturação. Os desdobramentos sobre esse diálogo são inúmeros. Em relação ao destino dos povos da região visitada, assinala-se o que Berta disse sobre ela e os indígenas: “A não

ser num caso catastrófico, em que fossem mortos os seus principais líderes, o Xingu será no futuro o berço de uma confederação indígena. E essa encontrará formas de interagir com os brancos em condições de igualdade” (Ribeiro, 1979, p. 167).

O retorno, pelo rio Xingu, até o posto Leonardo, é marcado por novas considerações que decorrem de outras paragens. O acampamento do “Para-Sar”, por exemplo, é visto como sofisticado, “com suas barracas de lona redondas, com visores de plástico” (Ribeiro, 1979, p. 171), o que contrasta com a realidade xinguaná. Depois de chegarem ao Posto Leonardo, Vanessa e Berta foram para a festa da aldeia waurá, onde se encontravam outros pesquisadores, como Patrick, Etienne e Godelive, além dos cinegrafistas poloneses que já tinham sido mencionados no livro. Na festa, de forma ritualística, há a passagem da adolescência para a fase adulta em que a mulher recebe o *uluri*, que não pode ser tocado, a não ser com o consentimento dela.

O último relato do *Diário* diz respeito ao deslocamento de Berta para a aldeia Txicão, que “fica[va] a 500 metros do Posto Leonardo”. Antes de realizar sua viagem para o Diauarum, Berta, com o auxílio de Patrick Menget, preparou uma lista que continha uma coleção de cestos que foram encomendados a Meilobô, capitão da aldeia, além do *Manã* (“peneira redonda, platiforme”) que Uawanã estava tecendo. Os nomes indígenas dos objetos são explicados de forma conceitual. Nesse trabalho de tradução, há um deslocamento em relação ao outro e com o outro, considerando que a língua pertence à cultura. No *Diário*, a tradução de termos aparece no plano do narrado e na parte dedicada ao “Índice e glossário”.

Entre os Txicão,relata o modo de fazer a farinha de mandioca; o que é plantado, o tipo de carne consumida (“comem todo tipo de carne de pelo, ao contrário dos xinguanos”) e põe em evidência os casamentos intertribais, entre outros aspectos. Na aldeia, Berta assiste a uma sessão de pajelança que possibilita comentários sobre a dualidade cultural, uma vez que a indígena doente recebeu tratamento com antibiótico do posto e do pajé, da tribo Kuikúro. Também nesse sentido, acentue-se que, no *Diário*, é apontado o processo de aculturação que acontecia, nas aldeias visitadas, pelo uso de objetos, por meio de palavras e ações.

O protagonismo indígena, reconhecido por Berta em vários momentos do *Diário*,se projeta em suas considerações finais:

Mas na medida em que a experiência frutificar e perdurar por algum tempo mais, os próprios índios tomarão em suas mãos a defesa de seus interesses e dia virá em que os Mairawé, os Pionin, os Txiravé

substituirão os etnólogos e linguistas e, quem sabe, até os botânicos, os médicos, como vem ocorrendo entre os índios norte-americanos [...]. (Ribeiro, 1979, p. 194).

Hoje, apesar de os indígenas atuarem em várias áreas do conhecimento e terem projeção política, os combates aos crimes contra eles e em suas terras precisam de políticas nacionais que sejam capazes de enfrentar uma globalização interplanetária que interfere no destino de todos, massacrando as histórias individuais e coletivas em nome do progresso e da modernização (no âmbito do sistema capitalista). O livro de Berta é seminal e continua lançando indagações sobre nosso futuro em que estão em jogo a relação entre o homem e o meio ambiente e a sustentabilidade, questões que continuarão na produção textual da antropóloga cuja obra é extensa e interligada, aspectos que podem ser constatados, por exemplo, na missiva enviada em 11 de maio de 1982 a Ángel Rama (Ribeiro, 1982). Nessa correspondência, Berta contou ao eminente crítico uruguaio que, em 1976, deixou a editora Paz e Terra e “volt[o]u ao Museu Nacional (depois de dezoito anos de ausência), como bolsista do Conselho de Pesquisa” e que *Diário do Xingu* e *Antes o mundo não existia* eram “subprodutos da tese” intitulada “A civilização da palha: a arte do trançado dos índios do Brasil”.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. (2023). Lei 14.600, de 19 de junho de 2023. Estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios; altera as Leis nºs 9.984, de 17 de julho de 2000, 9.433, de 8 de janeiro de 1997, 8.001, de 13 de março de 1990, 14.204, de 16 de setembro de 2021, 11.445, de 5 de janeiro de 2007, 13.334, de 13 de setembro de 2016, 12.897, de 18 de dezembro de 2013, 8.745, de 9 de dezembro de 1993, 9.069, de 29 de junho de 1995, e 10.668, de 14 de maio de 2003; e revoga dispositivos das Leis nºs 13.844, de 18 de junho de 2019, 13.901, de 11 de novembro de 2019, 14.261, de 16 de dezembro de 2021, e as Leis nºs 8.028, de 12 de abril de 1990, e 14.074, de 14 de outubro de 2020. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14600.htm. Acesso em: 04 abr. 2025.
- COELHO, Haydée Ribeiro (2016). Ocidentalismo, Pós-ocidentalismo In: COSER, Stela Maris (Org). *Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos*. Vitória: EDUFES, p.248-256.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. (2002). *Dicionário de narratologia*. 7. ed. Coimbra: Almedina.
- RETAMAR, Roberto Fernández. (1979). Calibán y otros ensayos: nuestra América y el mundo. Ciudad de La Habana: Editorial Arte y Literatura.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1986). Prefácio. In: RIBEIRO, Berta Gleizer. (Coord.). (1986). *Etnobiologia* (vol.1). *Suma Etnológica Brasileira*. Ed atualizada da *Hand Book of South American*. RIBEIRO, Darcy (Ed et alii). Petrópolis: Vozes, FINEP. Disponível em Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. <http://www.etnolingüística.org/suma>. Acesso: 1 out. 2024
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1982). [Carta]. Destinatário: Ángel Rama. Rio de Janeiro, 11 maio 1982. In: COELHO, Haydée Ribeiro e ROCCA, Pablo (Org.) (2015). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. Global: São Paulo, p.184-185.
- RIBEIRO, Berta Gleizer (1979). *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Haydée Ribeiro Coelho

Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada com pós-doutorado pela Universidad de la República, Uruguai.